

Juventude e trabalho na perspectiva de trabalhadores do Sistema Nacional de Emprego (Sine)

Wesley Jordan Pereira da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-9170-5820>

Manuella Castelo Branco Pessoa

Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Psicologia, João Pessoa, Paraíba, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-3523-8708>

Introdução

O presente estudo tem como principal objetivo analisar as perspectivas que os profissionais do Sistema Nacional de Emprego (Sine) têm sobre juventude e trabalho, remetendo ao que é ser jovem e à problemática em torno do desemprego juvenil. Tais profissionais encontram-se enquanto trabalhadores de um órgão responsável por apoiar a população em sua busca por trabalho e por garantir e promover políticas públicas de emprego. Salienta-se que o artigo aqui apresentado é um dos produtos de uma série de atividades realizadas nos Sines Paraíba (estadual) e João Pessoa (municipal), localizados em João Pessoa, e Sines Cabedelo, Santa Rita e Bayeux, localizados na região metropolitana da capital paraibana.

O SINE operacionaliza as políticas públicas do Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda em busca de maior efetividade na colocação dos trabalhadores na atividade produtiva, visando à inclusão social via emprego, trabalho e renda, conforme normatiza o Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador (Codefat), por meio da Resolução nº 758, de 9 de março de 2016 (CODEFAT, 2016). O seu principal objetivo é o de intermediar a força de trabalho entre os trabalhadores e os empregadores. De acordo com o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), o SINE foi criado em 1975 sob a égide da Convenção nº 88 da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Presente em todos os estados brasileiros, o serviço oferta, principalmente, ações de intermediação de mão de obra e de habilitação ao seguro-desemprego. Por intermediação de mão de obra, entende-se a captação de vagas de emprego junto aos empregadores para que, assim, se possa inserir os trabalhadores no mercado de trabalho (FAT, 2016; BRASIL, 2017).

Embora o SINE seja direcionado à população em geral, não sendo especificamente voltado ao jovem, ele é, sem dúvidas, um importante dispositivo disponível à juventude, abarcando um grande número de jovens desempregados. Exemplo disso pode ser a Cartilha de Atendimento para Trabalhadores Jovens no SINE, na qual há o argumento de que é preciso inserir profissionalmente a juventude “o quanto antes” ou auxiliá-la com a prestação de orientação e qualificação profissional (BRASIL, 2017, p. 6), tarefas consideradas grandes desafios do SINE. Com foco específico no atendimento ao jovem pelos profissionais do SINE, a cartilha chama atenção para a necessidade de um atendimento diferenciado, que considere as dificuldades desse público, destacando a (insuficiente) qualificação e a busca por oportunidades de primeiro emprego como dois dos principais desafios.

Conceito de juventude

É importante trazer o que se entende, neste texto, por juventude. É fato que existem variados debates sobre como conceituar e abordar juventude dentro de produções em Psicologia (SOUZA; PAIVA, 2012; SPOSITO; SOUZA; SILVA, 2018; STENGEL; DAYRELL, 2017). Defende-se que é impossível um conceito unívoco para a juventude e que, embora seja frequente um discurso que universaliza o conceito, embasado em considerações em que a idade é o fator determinante, a juventude é considerada um conceito-processo, remetendo à ideia de movimento.

Distanciando-se de uma concepção de juventude que recorre unicamente à faixa etária, Abrantes e Bulhões (2016) e Nunes e Fernandez (2018) destacam a dificuldade encontrada na legislação brasileira para chegar a um consenso sobre qual seria a faixa etária

correspondente à juventude, em razão de suas especificidades. O Conselho Nacional da Juventude (Conjuve), por meio da sua Política Nacional de Juventude, aponta que a classificação etária (15 aos 29 anos de idade) serve somente como referência genérica para a elaboração de políticas públicas (CONJUVE, 2006). A distinção promovida pelo conselho em questão é a de que os “jovens-jovens” possuem idade compreendida entre os 18 e 24 anos de idade e os “jovens-adultos”, entre 25 e 29 anos de idade. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é um exemplo de órgão oficial que utiliza esse critério etário para definir quem são os jovens (IBGE, 2023).

Neste texto, a juventude é considerada a partir de um entendimento mais amplo, tomando como base a Psicologia histórico-cultural, que não nega os aspectos biológicos (aqui se incluem os hormonais, por exemplo) e os cronológicos, mas os considera subordinados às determinações histórico-sociais (ABRANTES; BULHÕES, 2016). Um entendimento que considera uma juventude múltipla em identidades, posições e vivências, sendo central considerar o contexto em que ela vive (ABRANTES; BULHÕES, 2016; CARDOZO, 2020; CONJUVE, 2006; SPOSITO; SOUZA; SILVA, 2018).

Um reflexo de tal compreensão pode ser visualizado em textos nos quais os autores utilizam o termo “juventudes”, no plural, considerando-as enquanto uma categoria social heterogênea (CARDOZO, 2020; SOUZA; PAIVA, 2012). Sendo assim, conceituar juventude nesses moldes é um esforço que corresponde ao cuidado de não unificar os seus sentidos e deslocamentos, concordando com o movimento na literatura sobre a questão juvenil que aborda a juventude, em especial a brasileira, em sua complexidade.

Em suma, é preciso distanciar-se de uma visão romanceada de juventude que omite a sua relação de centralidade com o trabalho. Entende-se por visão romanceada as definições de juventude que preconizam que ser jovem é um jeito de estar no mundo, não importando as delimitações culturais já mencionadas e condições socioeconômicas (ABRANTES; BULHÕES, 2016). O vínculo com o trabalho organiza ou reorganiza as atividades sociais e a existência dos jovens. O que se defende é que

mais determinante que a idade para compreender a atividade do jovem perante o mundo e suas possibilidades de desenvolver-se é a sua relação com o trabalho, ou seja, sua luta por autonomia e pela possibilidade de realização de uma atividade socialmente produtiva (ABRANTES; BULHÕES, 2016, p. 247)

Dados de 2019 foram apresentados por Tommasi e Corrochano (2020) para argumentar a centralidade que o trabalho assume para os jovens. Do mesmo modo, Comin (2023) demonstra que, a partir dos 18 anos de idade, a maioria dos jovens já está envolvida com o mercado de trabalho. Para o autor em questão, na faixa dos 20 aos 24 anos de idade, mais de 80% dos homens e mais de 60% das mulheres encontram-se em atividade, seja a de trabalho ou a de busca ativa por trabalho.

Juventude e trabalho

A juventude brasileira é trabalhadora (OIT, s.d.). Compreende-se a juventude como um período em que é premente para o jovem o aparecimento de demandas de trabalho e/ou de profissionalização para o trabalho. Assim, a atividade dominante (ou principal/atividade-guia) desse público é a atividade profissionalizante de estudo ou de trabalho. Entende-se por atividade dominante aquela que molda e reorganiza o desenvolvimento psíquico da pessoa (ABRANTES; BULHÕES, 2016; RIOS; ROSSLER, 2017).

A relação entre juventude e trabalho é demarcada pela unidade contraditória entre a atividade de estudo profissionalizante e a atividade produtiva (ABRANTES; BULHÕES, 2016). É comum aos jovens brasileiros a necessidade de unir estudos e trabalho (ABRAMO; VENTURI; CORROCHANO, 2020; RIBEIRO; MACEDO, 2018), sendo o segundo o meio para garantir o primeiro. A autonomia da juventude está intimamente relacionada à necessidade de trabalhar; o trabalho significa para o jovem das classes populares a forma de garantir a sua própria reprodução. Consequentemente, o que determina para o jovem se a atividade dominante será a profissionalizante de estudo ou a de trabalho são as suas situações concretas de vida e o espaço que ocupa socialmente (ABRANTES; BULHÕES, 2016; RIOS; ROSSLER, 2017).

É nesse sentido que Cardoso (2013) aponta que alguns jovens irão carregar para o resto de suas vidas o peso de terem deixado cedo a escola, o que impacta profundamente as suas chances de inserção profissional, em especial para as mulheres e as mulheres com filhos. De forma frequente, as mulheres encontram-se mais afetadas por essa situação, visto que os papéis de gênero e fatores como casamento e maternidade as retêm no trabalho doméstico não remunerado (CARDOSO, 2013; ROCHA et al., 2020). Se a atividade dominante é a de estudo e de trabalho, evidencia-se as vulnerabilidades dos jovens que se encontram sem estudar e sem trabalhar, visto que, como concluem Rocha et al. (2020), quanto mais tempo ficam fora da escola e do mundo do trabalho, maiores são os riscos de enfrentarem a precarização e exclusão do mercado de trabalho ao longo de suas vidas.

A relação da juventude com o mercado de trabalho é caracterizada por uma série de desafios e entraves, entre eles, o trabalho informal, a precariedade do emprego, a alta rotatividade e a dificuldade de conciliar os estudos, as responsabilidades familiares e o trabalho (CARDOZO, 2020; CORSEUIL; FRANCA; POLOPONSKY, 2020; GUIMARÃES; BRITO; COMIN, 2020). Esses são preocupantes agravos frente à sua exclusão de postos de trabalho ou inclusão naqueles que são caracterizados pela precariedade, aspectos que estão associados à criação e manutenção de uma juventude sobrando (GOUVEIA, 2019). Os jovens pertencentes à classe trabalhadora são marcados “pela objetividade econômica e pelo reduzido espaço de escolhas, sendo assim obrigados a inserir-se no mercado pelo trabalho precarizado” (ABRANTES; BULHÕES, 2016, p. 248). A juventude negra e mulher em famílias de baixa renda sofre os maiores danos, tendência associada à ampliação de jovens desalentados (GUIMARÃES; BRITO; COMIN, 2020; PAULINO, 2021).

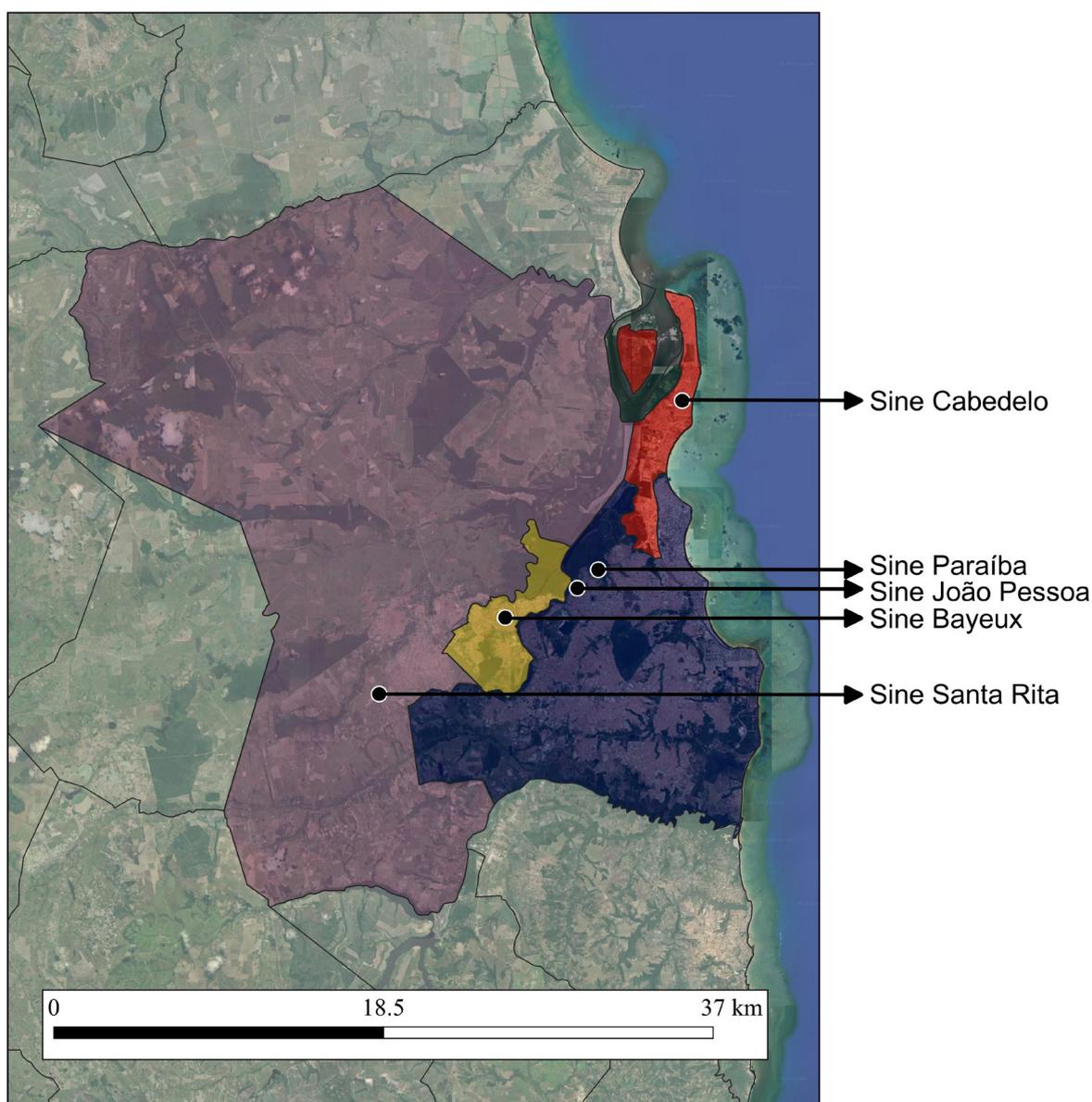
Em um estudo sobre os dados apresentados pela PNAD Contínua de 2012 a 2017, autores evidenciaram ao mesmo tempo o aumento da taxa de desemprego juvenil e o aumento da quantidade de jovens em ocupações com características associadas à baixa qualidade do emprego (CORSEUIL; FRANCA; POLOPONSKY, 2020). Dados mais recentes, divulgados pelo IBGE, continuam apresentando a juventude como a mais atingida pelo desemprego no Brasil. A taxa de desemprego para jovens era mais que o dobro que a dos adultos em 2022 (IBGE, 2022).

Observa-se que a juventude brasileira se encontra desprotegida, exposta à incerteza e à instabilidade, elementos estes que se tornam constantes de sua vida profissional (CARDOZO, 2020; GOUVEIA, 2019; REIS, 2014). Cabe destacar que esses são elementos que comprometem as trajetórias de trabalho da juventude, trazendo consequências como a diminuição da possibilidade de acúmulo de conhecimento e habilidades mais valorizadas (CORSEUIL; FRANCA; POLOPONSKY, 2020).

Percurso metodológico

A presente pesquisa foi realizada no período de 2019 a 2021 em cinco sedes do Sine: nos Sines municipais de João Pessoa, Cabedelo, Santa Rita e Bayeux e no SINE estadual, localizado em João Pessoa (Figura 1). Desta forma, a pesquisa abrangeu João Pessoa e região metropolitana. O SINE é coordenado na Paraíba pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Humano (SEDH).

Figura 1 – Mapa de localização das sedes dos Sines em João Pessoa e região metropolitana



Fonte: Elaboração dos autores (2023).

Houve o contato prévio com a SEDH para a apresentação da pesquisa e a solicitação de permissão para a coleta de dados, logrando a anuência para a sua realização. Posteriormente, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), cumprindo com todos os passos predeterminados pela Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012), com CAAE gerado: 12941119.7.0000.5188.

Foram utilizadas as entrevistas semiestruturadas como técnica de pesquisa (MINAYO, 2014), o que possibilitou a condução deste estudo, sem precisar retirar os participantes por muito tempo de seus postos, considerando que estavam em horário de trabalho. Em conjunto com as entrevistas foram preenchidos questionários sociodemográficos. O questionário contemplou aspectos pessoais dos participantes (por exemplo: faixa etária e gênero) e profissionais (por exemplo: escolaridade, função e tempo de função). Como característica de entrevistas semiestruturadas, foi construído e devidamente utilizado um roteiro físico de questões que fosse apropriado para responder à pergunta de pesquisa.

As entrevistas foram conduzidas presencial e remotamente com o suporte de um gravador de voz e com o consentimento escrito de todos os participantes. Assegurou-se a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), reforçando os objetivos da pesquisa e as demais exigências. O uso concordado de gravador de voz foi para a posterior transcrição e tratamento do conteúdo das entrevistas. Cabe destacar que, em concordância com a necessidade de isolamento e distanciamento social durante o período de pandemia da covid-19, parte da pesquisa foi adaptada para o modelo remoto. Assim, nesse momento de pesquisa as entrevistas aconteceram via plataforma de videoconferência, reassegurando a ética em pesquisa e acrescentando ao termo de consentimento a autorização para a gravação de vídeo, além de voz.

Participaram 14 profissionais das equipes técnicas dos Sines. Elencou-se como critérios de inclusão ser um/a trabalhador/a do SINE nas sedes visitadas e concordar com a participação. Os 14 participantes, sendo 9 mulheres e 5 homens, ocupavam diferentes funções dentro dos Sines e possuíam idades entre 22 e 85 anos. Os setores visitados foram os de captação de vagas, coordenação de qualificação, atendimento, administração, direção e gerência. Tal dado não será pormenorizado para evitar que haja a identificação das equipes.

No tocante à escolaridade, os profissionais possuíam o ensino médio completo ou formação superior. Dos que possuíam ensino superior, as formações eram: pedagogia, gestão pública, serviço social, engenharia de produção, direito entre outras. Os profissionais entrevistados vêm de diferentes construções profissionais e estão alocados descentralizadamente em seus setores. Constatou-se, também, a presença de jovens trabalhadores. A Tabela 1 sumariza as informações apresentadas.

Tabela 1 – Caracterização dos participantes por idade, gênero e escolaridade

Participante	Idade	Gênero	Escolaridade
P1	27	H	Ensino médio completo
P2	26	M	Ensino superior completo
P3	30	M	Ensino superior completo
P4	55	M	Ensino médio completo
P5	37	M	Ensino médio completo
P6	48	H	Ensino superior completo
P7	48	H	Ensino médio completo
P8	27	M	Ensino superior completo
P9	22	H	Ensino médio completo
P10	28	H	Ensino superior completo
P11	85	M	Ensino superior completo
P12	45	M	Ensino médio completo
P13	60	M	Ensino superior completo
P14	47	M	Ensino médio completo

Fonte: Elaboração dos autores (2023).

Com o conteúdo das entrevistas transcrito, realizou-se uma análise de conteúdo temática segundo os referenciais teóricos e metodológicos de Minayo (2014). Para esta autora, a análise temática traduz-se como descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, em sentido de que, presentes ou subjacentes ao discurso, o aparecimento de determinados temas denota estruturas de relevância, valores de referência e modelos de comportamento.

A sistematização de sua análise temática é proposta em etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Detalhando cada etapa, conduziu-se na pré-análise uma leitura flutuante, momento inicial de contato direto e intenso com o conteúdo conseguido em campo, e constituição do *corpus*, atentando-se a algumas normas de validade qualitativa, tais como a exaustividade, representatividade e homogeneidade. A exploração do material foi a segunda etapa, própria para a organização em categorias, em que se reduz o *corpus* a expressões ou falas significativas. As categorias surgem após classificação e agregação dos dados e dizem respeito à especificidade dos temas.

As inferências e interpretações foram trabalhadas em uma terceira e última etapa. Também para a análise dos dados desta pesquisa foram elencados juízes, o que significou que as etapas aconteceram em sua ordenação com o auxílio de outros pesquisadores, a fim de promover uma melhor construção interpretativa dos resultados. Os pesquisadores que auxiliaram com as análises eram parte, à época da pesquisa, do Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre o Desenvolvimento da Infância e Adolescência (Nupedia/UFPB) e foram consultados por estarem em contato no momento com as discussões sobre juventude e trabalho, bem como sobre trabalho e desenvolvimento.

Resultados

Considerando a análise de conteúdo empregada, a seção de resultados está organizada em temas e categorias, agregados temáticos oriundos da técnica de análise. A tabela 2 ilustra os temas e as categorias.

Tabela 2 – Temas e categorias encontrados após a análise temática de conteúdo

Temas	Categorias
Público do SINE	Faixa etária
	Vagas
	Escolaridade
	Gênero e raça/etnia
Visão de juventude	Responsabilidade
	Jovem “centrado” versus jovem “devagar”
	Gana
	Qualificação
	Oportunidade
Juventude e desemprego	Qualificação
	Experiência
	Primeiro emprego

Fonte: Elaboração dos autores (2023).

Público do SINE

Este tema corresponde às categorias de análise: *faixa etária*, *vagas*, *escolaridade*, *gênero* e *raça/etnia*. Tratou-se de um tema que surgiu conforme os participantes foram perguntados acerca de quem é o público que procura acessar o SINE. Considerando que se trata de um serviço que atende ao público em geral, este artigo filtrou as respostas, atentando-se às respostas referentes ao jovem.

A categoria de análise *faixa etária* englobou as respostas dos entrevistados sobre a faixa etária. Assim, as falas indicaram a existência de uma população mais próxima dos 18 anos de idade que está à procura de uma primeira oportunidade de emprego. Essa procura é uma das características do público jovem, bem como a de ser uma juventude já com uma família construída, isto é, casada e com filhos. Também foi relatado que, em alguns casos, ambos os cônjuges estão em condição de desemprego:

A gente recebe bastante primeiro emprego, é o que a gente mais recebe. E outros jovens que chegam lá entre seus 20 e 22 anos, já são jovens que têm família, que têm cerca de 1 a 2 filhos, e uma esposa que também tá desempregada e também jovem (P2).

A categoria de análise *vagas* é relativa ao dado de que a população que utiliza os serviços ofertados pelo SINE o faz por ser o público mais absorvido pelo tipo de vagas disponibilizadas. O perfil encontrado é, portanto, próximo do que está ofertado: “A gente tem duas [...] três pontos muito fortes no SINE de vagas. Então, querendo ou não, o perfil da minha demanda, ele vai de acordo com as vagas que são ofertadas” (P2).

Mais especificamente, há a menção às vagas de telemarketing, consideradas numerosas, de serviços gerais e de vendas. A inserção profissional via telemarketing parece abarcar fortemente o jovem. Ainda, há falas em que é dito haver vagas “para tudo”: de um lado, vagas “mais difíceis”, exemplificadas com as vagas para enfermeiros e nutricionistas, por outro lado, vagas consideradas “grosseiras”, que abarcam, por exemplo, serventes de pedreiro e açougueiros:

O SINE tem vagas pra tudo, né? Agora, têm umas vagas que são mais difíceis, essa questão às vezes da parte de enfermagem, nutricionista, tá entendendo? [...] Lógico que tem aquela parte mais grosseira, né? De servente de pedreiro, aí tem açougueiro que aparece (P6).

Em *escolaridade*, outra categoria de análise, os entrevistados descreveram um público que possui ensino fundamental e médio, raramente com curso superior. Foi mencionado que por vezes o ensino fundamental completo por si só ou o ensino médio incompleto são insuficientes para acessar as políticas públicas efetivamente. Um participante associou a escolaridade da juventude ao tipo de vaga ofertado:

Vendo diariamente as vagas que são abertas, com a exigência da vaga, e a quantidade de jovens que não conseguem ser encaminhados pra esta vaga justamente por conta da exigência, o número de jovens com ensino médio incompleto e ensino fundamental incompleto é bem grande (P3).

Nas categorias de análise *gênero e raça/etnia* encontrou-se disparidade nos dados, com falas destacando ora a prevalência de mulheres, ora a de homens. De um lado, houve falas que remeteram à predominância de pessoas brancas, de outro, de uma diversidade racial, como é possível visualizar: “[Sobre raça] Mais brancas, mais brancas” (P6) e “Bem diversificado, não existe hoje, assim, a gente não pode dizer mais homens, mais mulheres, negros, brancos, não. É bem diversificado mesmo” (P7). Esta última fala referindo-se também à questão de gênero.

Visão de juventude

Este tema corresponde às categorias de análise *responsabilidade, jovem “centrado” versus jovem “devagar”, gana, qualificação e oportunidade*. Tratou-se de um tema que surgiu a partir da indagação aos participantes sobre a visão do que acreditavam ser a juventude.

A categoria de análise *responsabilidade* trouxe o entendimento dos participantes de que ser jovem não é “só lazer”, mas o momento de procurar uma oportunidade de emprego. Para eles, isso requer que o jovem assuma responsabilidades que se distanciam daquelas de um adolescente e se aproximam das responsabilidades de um “jovem-adulto”. Dessa forma, a oportunidade de emprego aparece para os entrevistados como uma oportunidade de projetar para o futuro as esperanças e expectativas de melhoria de vida.

A fala a seguir demonstra como os participantes atribuem à juventude a necessidade de se aproximar de algum e qualquer tipo de atividade de trabalho, bem como de se responsabilizar, por exemplo, pela manutenção de seus lares: “A gente vê muito por aí o jovem querendo fazer, tipo, hoje em dia, qualquer coisa pra poder conseguir um dinheirinho, às vezes pra ajudar em casa” (P13).

Observou-se que os profissionais entrevistados aludiram a dois tipos específicos de “responsabilidade”. Há o jovem que é responsável, porque está buscando formas, a título de exemplo, de estar mais qualificado as vagas de emprego disponíveis. E há o jovem que se depara com a responsabilidade no momento em que se vê adulto, momento este em que “cai a ficha”. “Cair a ficha”, de acordo com os participantes, é exatamente quando a juventude se depara com uma realidade de construir uma família, de necessidade de criar filhos e sustentar um lar, o que se configura como uma responsabilidade adquirida e algo que necessita ser responsável para gerir: “Ao passar o tempo vão chegando [...], como posso dizer? As atividades de adulto, a responsabilidade, aí vai caindo a ficha. Então: ‘papai, eu era tão jovem, eu podia ter estudado [...], não é assim?’” (P1).

A fala a seguir corresponde aos jovens que se veem frente à responsabilidade de prover para as suas famílias. Visualiza-se a partir dela uma juventude que procura o SINE em busca de “qualquer coisa”, isto é, qualquer oportunidade de emprego, mesmo que não corresponda ao que realmente almeja ou é qualificado a realizar, em decorrência da necessidade de renda para a sobrevivência familiar:

Quando a vida coloca de frente com uma realidade de uma família, de os pais agora precisarem de ajuda em casa, estão indo para qualquer coisa, e até a gente que trabalha no SINE fica tentando puxar da pessoa: “Sim, e o que você gosta? Mas você queria fazer o quê?”, porque, gente, chega muito “qualquer coisa” lá, chega muito “qualquer coisa”: “Eu quero qualquer coisa, eu tô com meu filhinho, meu pai tá desempregado, qualquer coisa” (P3).

Por sua vez, a categoria de análise jovem “centrado” versus jovem “devagar” faz referência a um comparativo que os participantes descreveram existir entre o jovem que é mais proativo e o jovem que é mais “recuado”, conforme justifica a fala a seguir: “Existe o jovem que é mais centrado, que é mais responsável, que tá em busca de novos conhecimentos, em busca de crescimento. Já tem o jovem que deixa um pouco isso de lado [...]” (P1).

Um paralelo foi feito pelos participantes: de um lado, uma juventude que está em busca de oportunidades de emprego com maior afinco e que vê uma necessidade de se mostrar responsável. De acordo com os entrevistados, é o jovem que está em busca de aprender, de se profissionalizar, de ingressar em uma instituição de nível superior, que está atento a “descobrir novos caminhos”, que tem disposição e visão de futuro. Por outro lado, há uma juventude que “dá uma recuada, não se importa tanto, dorme até tarde” (P1). Este é o contraponto que encorpa o argumento existente entre o “jovem centrado” e o “jovem devagar”. Para este último, os participantes atribuem o atraso em buscar estudos, atividades de qualificação para o trabalho e, assim, o próprio posto de trabalho. Outros recortes caracterizam o “jovem devagar”: é aquele que “[...] ‘Ah, deixa pra depois; ah, não me importa muito agora; depois eu estudo, depois eu procuro, depois faço um curso técnico’” (P3) e que não tem “[...] essa vontade de trabalhar, de aprender, e permitir, se permitir” (P2).

No tocante à *gana*, outra categoria de análise, os participantes demonstram possuir uma visão que considera a juventude como enérgica, proativa, determinada. Há trechos em que colocam a juventude como livre de preconceitos, aquela que possui pensamento aberto. Falas como “Então, pra mim, ser jovem vai depender de você, vai depender do que você busca, vai depender do que você quer para sua vida” (P5) e “Eu acho que ser jovem é isso, você ter a sua disposição” (P4) referenciam uma visão de juventude que privilegia o jovem que tem a “disposição” de buscar o melhor para a vida, em termos de melhor emprego e qualificação para o trabalho.

A categoria de análise *qualificação* referiu-se às falas que consideraram unanimemente a importância da qualificação para a juventude, tal como às falas que consideraram a juventude como comumente desqualificada. Primeiro, tratou-se de qualificação para os participantes, desde “adquirir informações” até cursos profissionalizantes e de nível superior. Mais detalhadamente, mencionou-se cursos disponíveis virtualmente, de uma hora, uma hora e meia de duração, duas vezes por semana, de computação, Windows, Excel, cursos ditos básicos. Em segundo, estar qualificado se mostra central, o que é possível observar com clareza quando um técnico diz: “Se qualifique, não é perda de tempo, não é perda de tempo jamais [...] Que procurem se qualificar de qualquer maneira, se defina, né?” (P1).

A qualificação, além de essencial, é tida como uma facilitadora. Em diversos momentos quando o assunto é a qualificação são repetidas vezes em que se encontra o uso de: “tudo fica mais fácil”, conforme pode ser visto no relato a seguir:

Então corra atrás, se qualifica que tudo fica mais fácil, tudo fica mais fácil de você chegar ao SINE, conseguir uma vaga, tudo fica mais fácil de você arrumar até outros meios de conseguir uma vaga de trabalho. Pra ingressar no mercado de trabalho, tudo fica mais fácil com qualificação (P1).

Alinhadas às falas de qualificação, surgiram as que se referem à capacitação, mais especificamente à sua carência. A capacitação é entendida por eles como uma palestra em que o jovem comparece, por exemplo, ou uma orientação, tanto sobre como construir um currículo mais elaborado e robusto quanto sobre como se comportar em uma entrevista de emprego.

A última categoria de análise deste tema, *oportunidade*, localizou a juventude como “aprendiz” segundo a percepção dos profissionais entrevistados. O jovem é, portanto, um aprendiz a quem se deve proporcionar a oportunidade de aprendizado, respeitando a uma lógica em que se aprende a trabalhar trabalhando: “E é com a oportunidade, e é sendo guiado que o jovem vai desenvolver suas aptidões no mercado de trabalho e na vida” (P2). Aliadas às falas que remetem uma necessidade de permitir oportunizar a juventude, há também as que a consideram o futuro da nação, do país, e ressaltam que “é preciso acreditar no jovem” (P9).

Juventude e desemprego

Este tema corresponde às categorias de análise *qualificação*, *experiência* e *primeiro emprego*. Ele surgiu a partir do que responderam os entrevistados sobre a problemática do desemprego juvenil, conforme o seu entendimento e enquanto trabalhadores do SINE. Para eles, o desemprego juvenil é emergencial devido à dificuldade de empregar a juventude, que diz respeito também à escassez de oportunidades.

Desta forma, a categoria de análise *qualificação* remeteu às falas que demonstram a importância atribuída à qualificação e que sua falta configura uma “barreira” que afasta a juventude de uma oportunidade de emprego, conforme se pode ler:

Muitos jovens querem ingressar no mercado de trabalho, certo? Mas aí existe uma grande barreira que impede que o jovem comece a trabalhar, porque as empresas hoje tá cada vez mais competitiva, eles estão afim mais de pessoas qualificadas, certo? [...] E por essa falta de qualificação profissional, os jovens, isso serve como se fosse uma barreira (P1).

Mesmo reconhecendo as dificuldades que a juventude enfrenta e a necessidade de proporcionar maiores oportunidades de emprego, parte dos participantes se posiciona a favor desse tipo de exigência, que é uma das justificativas para a dificuldade de empregar a juventude. A equipe definiu que o mínimo é o diploma de ensino médio completo, o que resulta em oportunidades ainda mais reduzidas para a juventude que não pôde completar os estudos. Além disso, foi reforçado por eles que grande número de jovens não se encontra à procura de qualificação e que busca acessar o SINE somente com a certificação de ensino fundamental completo, momento em que a equipe reforçaria a importância de estudar e, novamente, de ir atrás da qualificação.

Dentro do que está envolvido em estar qualificado ou desqualificado para o trabalho, os entrevistados apontaram para uma crescente competitividade e exigência por parte dos empregadores, que dificulta a inserção profissional juvenil. Para além de “qualificado”, foi mencionado o desejo dos empregadores por um profissional “pronto”. Além disso, cabe ao empregador definir um perfil para as vagas que pretende disponibilizar. Os entrevistados se deparam com perfis que nunca esquecem de mencionar o nível de qualificação exigido, o que está aliado também à escolaridade necessária e ao tempo acumulado de experiência, em sua percepção.

Outra categoria de análise, *experiência*, traz maiores informações sobre a ausência de um primeiro emprego, anunciada pelos entrevistados como um problema. Os empregadores requerem experiência ao disponibilizar vagas de emprego, o que os participantes pontuaram ser um notório empecilho para que a juventude seja empregada. Isto é, a busca por oportunidades de emprego, considerada grande, sofre restrições quanto à falta de experiência comprovada em carteira de trabalho, conforme demonstra a fala a seguir:

Chega um jovem de 20 anos, tem capacidade para assumir um emprego, um exemplo é serviços gerais, que não é um serviço que precisa de muito, de um curso, não precisa nada. Você com ensino médio pode alcançar seu objetivo lá. Só que as empresas hoje querem o jovem com experiência e é muito difícil (P9).

Além disso, os profissionais abordaram que grande parcela dos jovens está em busca de um primeiro emprego, o que significa um impedimento frente à pouca ou nenhuma experiência em carteira. Assim, a questão da experiência aparece para os entrevistados como algo que pode aproximar ou distanciar o jovem de uma vaga de emprego.

Logo, a categoria de análise seguinte, *primeiro emprego*, refere-se à necessidade de uma primeira oportunidade de emprego para a juventude. As falas descreveram a sua escassez, o que reflete em uma juventude profissionalmente menos experiente. A lógica que os entrevistados apresentaram é esta: com menores oportunidades de primeiro emprego, os jovens têm menos experiência em suas carteiras de trabalho, o que se configura como um impedimento para a sua inserção profissional. As falas a seguir descrevem a problemática:

E aí, como será esse primeiro emprego? Esse jovem ele tem que ser assistido, o desemprego ele é muito alto nessa categoria, justamente por esse estigma de que a empresa, ela já quer aquele profissional com a experiência, de que ela já quer um profissional pronto, mas ninguém vai tá pronto se não tem a oportunidade, né? (P2)

A gente que trabalha ali no SINE, a gente vê várias, presença, sempre tô presente lá todos os dias e presencio muito as dificuldades deles, você chega a uma certa idade sem ter uma oportunidade de emprego é muito difícil, é muito complicado (P6).

Portanto, os entrevistados descreveram um mercado de trabalho que se apresenta hostil para o jovem que chega ao SINE em busca de uma primeira oportunidade. Para eles, o comportamento do mercado de trabalho para com o jovem é o seguinte: “A gente tenta buscar, a gente consegue colocar [no mercado de trabalho], mas é bem mais demorado do que quando tem alguém com idade maior que já tem algum tipo de experiência” (P5).

Discussão

Os dados demonstraram que os profissionais entrevistados associaram à juventude que procura os SINEs uma demanda por oportunidades de primeiro emprego e a necessidade de prover condições de sustento para a família. Uma das características é a ida ao serviço em resposta às responsabilidades adquiridas em decorrência de uma vida de cônjuge e pai/mãe. Além disso, trata-se de uma população, de acordo com os profissionais, por vezes com escolaridade insuficiente para garantir sua inserção ou reinserção profissional, muito embora os profissionais tipifiquem haver vagas “para tudo” e vagas “mais grosseiras”, as quais supostamente seriam mais fáceis de conseguir.

A população que mais busca o serviço é, em sua maioria, homens, negros e pardos, e de grau de escolaridade médio, segundo dados referentes aos anos de 2015 e 2017, divulgados em documento do Ministério do Trabalho (BRASIL, 2017). O mesmo documento ainda informa que em tal período o número de jovens registrados pelos Sines foi de 6,3 milhões, representando 64% do total de encaminhamentos e 68% das colocações. 696,1 mil eram jovens estagiários, aprendizes ou estavam à procura de primeiro emprego.

Os profissionais colocaram sobre os jovens uma expectativa que eles associam à juventude, quando comparada com a infância ou a adolescência, a de responsabilidade. Tanto a responsabilidade de contribuir financeiramente em suas casas (“ajudar em casa”, nos seus discursos) quanto a de buscar o que é considerado mais vantajoso em termos de sua própria qualificação e profissionalização. Assim, os profissionais reproduziram constantemente o discurso de que a chave está na qualificação. Os diversos empregadores somente empregam profissionais qualificados; qualificar-se seria, logo, procurar aumentar a própria empregabilidade e, conseqüentemente, as chances de alcançar um vínculo empregatício.

Observou-se, então, que a qualificação assumiu uma clara posição de destaque para os dados apresentados neste artigo, onde tal discurso é frequentemente endereçado à juventude, de forma que “estar desqualificado” ou possuir de pouco a nenhuma experiência profissional significa sua exclusão produtiva.

Contudo, o debate existente aponta para algo complexo, que não pode ser medido em termos do grau necessário de qualificação ou de escolarização e que, em um contexto de elevada taxa de desemprego, a oferta de formação profissional e o aprimoramento da habilidade dos jovens não têm sido condições suficientes para lhes garantir empregos de qualidade (ABRANTES; BULHÕES, 2016; NUNES; FERNANDEZ, 2016). Assim, a dimensão educacional (e a questão de qualificação) não deve se referir unicamente à oferta de educação básica e de ensino técnico profissionalizante de nível médio, por exemplo, mas à importância de construir um currículo onde a escola contribua para que a juventude possa vislumbrar, estruturar e modificar suas trajetórias profissionais (CORROCHANO; ABRAMO, 2016; NONATO; DAYRELL, 2018).

O que se defende é que à escola se atribui o desafio de construir um projeto de emancipação ao/do capital, conforme chama a atenção Gouveia (2019). Esta autora defende que a escola deve confrontar o capital e o seu projeto de conformação dos sujeitos ao horizonte da precarização da vida social e do trabalho. Um caminho é proposto por Nonato e Dayrell (2018), que enfatizam a necessidade de articular a escola com o mundo do trabalho, para além da discussão sobre formação profissional, considerando a necessidade de diálogo com o jovem estudante trabalhador, valorizando as suas experiências de trabalho e saberes e proporcionando um espaço para que se possa vislumbrar as suas singularidades.

O mesmo pode ser dito para as políticas públicas e, neste caso, as políticas públicas de emprego, quando endereçadas também para a juventude. Assim, Ciavatta (2017) critica a formação profissional que é “reduzida a treinamentos, à pedagogia das competências, à ideologia da empregabilidade e do empreendedorismo, à educação corporativa de interesse das empresas, aos rudimentos técnicos e às especializações tecnológicas” (CIAVATTA, 2017, p. 185). Tal concepção de formação profissional, descrita pela autora citada, parece ser um dos pilares do discurso dos trabalhadores dos Sines.

Ainda, para a juventude trabalhadora é comum unir estudo e trabalho, quase inevitável para o jovem acima de 20 anos que pretende dar prosseguimento à sua formação educacional (ABRAMO; VENTURI; CORROCHANO, 2020). Pode-se falar em jovens aos quais é permitido adiar sua inserção em contextos de trabalho, possibilitando a dedicação para os estudos e o uso de seu tempo livre para atividades de lazer, e em uma juventude pertencente às classes populares (e que procura as sedes dos Sines) que muitas vezes não consegue se dedicar aos estudos e fica angustiada com seu “tempo livre”, frente à necessidade de possuir um emprego para contribuir e ter poder aquisitivo. Trata-se da unidade contraditória entre a atividade de estudo profissionalizante e a atividade produtiva (ABRANTES; BULHÕES, 2016).

Seria o mesmo que pontuar que para a juventude pertencente às camadas mais elevadas, o tempo gasto com os estudos pode ser somente um tempo de formação, não havendo necessariamente a preocupação com a inserção no mercado de trabalho, ao mesmo tempo que para a juventude de classes populares o trabalho aparece desde muito cedo, havendo aqueles que trabalham desde antes da idade legal e que, como falado, unem trabalho e estudo (ABRAMO; VENTURI; CORROCHANO, 2020; NONATO; DAYRELL, 2018).

De fato, para os profissionais entrevistados há uma clara distinção entre a juventude que está desempregada, mas estuda e se qualifica, e a juventude desempregada que se mostra despreocupada de estudar e se profissionalizar. Trata-se de um posicionamento que considera que tudo está ao alcance do jovem, basta demonstrar o interesse, baseado em um movimento de individualização da juventude e que a desconecta de seu entorno social e de suas condições concretas de existência. Pois, ao proclamarem que “depende de você”, “depende do que você busca” e “depende do que você quer para a sua vida” (reflexos de um discurso de homem neoliberal, sem dúvidas), os entrevistados demonstraram desconhecer em partes o papel que assume o SINE, algo preocupante frente ao público que o acessa, suas necessidades específicas e que, doravante, freia o potencial de combate às desigualdades sociais, cenário onde a juventude pobre é a mais atingida (CARDOZO, 2020).

Nesse contexto, Rocha et al. (2020) atribuem às políticas públicas de emprego e de mercado de trabalho endereçadas aos jovens a necessidade de considerar as vulnerabilidades presentes e de escapar aos diagnósticos tradicionais que associam as diversas

dificuldades enfrentadas pela juventude somente à falta de formação, à qualificação inadequada e à in experiência profissional. De acordo com os autores, “o problema é que, ao desconsiderar as diferentes razões que levam jovens a vivenciarem situações longas de inatividade, esses programas não alcançam seus objetivos” (ROCHA et al., 2020, p. 561). Potencializaria tais políticas adotar uma perspectiva de jovem que inclui múltiplas vivências, concepções e quereres, compreendendo quem são e suas trajetórias de vida multideterminadas (RIBEIRO; MACEDO, 2018).

Ainda, os dados se depararam com um posicionamento por parte dos profissionais que corresponderia à sua visão de que trabalhando o jovem se desenvolve e consegue projetar para o futuro uma esperança por melhorias de vida. Realmente, o trabalho se apresenta para a juventude enquanto possibilidade de formação, de sociabilidade, de construção de identidade e autonomia (ABRANTES; BULHÕES, 2016; RIBEIRO; MACEDO, 2018). Todavia, há menção a uma juventude que acessa as políticas públicas à procura de “qualquer coisa”, tendência que está relacionada aos empecilhos que encontram para estarem empregados. Isto é, a dificuldade encontrada termina por justificar a inserção de jovens em postos de trabalho de pior qualidade, em um cenário de diminuição de empregos formais e aumento de atividades de trabalho informais e por conta própria, o que tende a comprometer a sua trajetória profissional a longo prazo (CORSEUIL; FRANCA; POLOPONSKY, 2020). Deve-se também atentar a quais são as vagas disponibilizadas de primeiro emprego para a juventude, considerando não ser incomum que essa primeira ocupação esteja associada a empregos sem carteira, temporários ou em tempo parcial (REIS, 2014).

Dessa forma, este artigo se deparou com relatos de profissionais de Sines sobre as principais dificuldades e dramas enfrentados pela juventude no processo de busca por inserção profissional. A partir das perspectivas apresentadas, foi possível compreender alguns desses desafios e sentimentos vivenciados por esse público em suas tentativas de ingresso no mercado de trabalho. É notável, pelos registros dos profissionais, por exemplo, o impacto dos processos de desqualificação, que geram, entre tantos fatores, as desigualdades sociais.

Considerações finais

O presente estudo teve como foco principal analisar as perspectivas que os profissionais dos Sines Paraíba (estadual) e João Pessoa (municipal), localizados em João Pessoa, e Sines Cabedelo, Santa Rita e Bayeux, localizados na região metropolitana da capital paraibana, têm sobre a relação entre a juventude, o trabalho e o desemprego juvenil. Assim, foi possível colocar em perspectiva a condição da juventude que busca o serviço por meio desses profissionais, condição associada a um mercado de trabalho que frequentemente se mostra inacessível, por exemplo, ao elencar uma série de requisitos que costumeiramente o jovem não costuma satisfazer.

As entrevistas realizadas com os profissionais em questão proporcionaram aos autores deste estudo informações privilegiadas sobre uma juventude considerada desqualificada para o trabalho e insuficientemente escolarizada, cuja realidade é muitas vezes a de prover para suas famílias e de recorrer a qualquer posto de trabalho que se mostre disponível, o que põe em xeque a sua qualidade e o que oferece para o jovem trabalhador em termos de seguridade social. A tendência é a de que postos de trabalho informais, temporários e/ou por conta própria estejam se configurando como a alternativa para a

juventude trabalhadora, quando não se consegue trabalho pela via da formalidade. A formação dos jovens para o mercado de trabalho, que é facilitada e incentivada pelas políticas públicas de emprego, muitas vezes enfatiza unicamente a transferência de renda e a capacitação técnica para atender às necessidades do capital (ALBERTO, 2012).

Nesse sentido, é importante reforçar o papel da produção de conhecimento, seja em pesquisa ou não, de fornecer elementos que contribuam com a práxis, que possam ser postos em prática nos espaços, inclusive pelos profissionais dos Sines nas sedes em que trabalham. Dessa maneira, acredita-se que é possível começar a pensar uma atuação que esteja pautada não em uma visão neoliberal de jovem, por exemplo, mas que o considere sujeito de direitos. Uma atuação que passe tanto pelo conjunto de ações necessário para a oferta de oportunidades e a garantia de direitos quanto pelo esforço contínuo de considerar as singularidades dos jovens no país.

Em um cenário como o apresentado, tentou-se evidenciar o papel que os Sines assumem frente à problemática, bem como demonstrar a importância de continuar estudando e pesquisando com e sobre a juventude brasileira. Ao imputar protagonismo às suas questões, focalizando as suas particularidades e necessidades e fugindo de uma compreensão fragmentada e individualizante, pode-se avançar na proposta de políticas públicas de emprego que atuem a partir de uma visão integrada e ampla de juventude. Políticas que pactuem para somar esforços e romper com a reprodução das desigualdades, tão proeminentes nas trajetórias de vida e trabalho dos jovens, que estão no cerne do que é possibilitado (ou não) acessar em termos de estudo e trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, H. W.; VENTURI, G.; CORROCHANO, M. C. Estudar e trabalhar: um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. **Novos Estud.**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 523-542, set. 2020.
- ABRANTES, A. A.; BULHÕES, L. Idade adulta e o desenvolvimento psíquico na sociedade de classes: juventude e trabalho: In: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. (Org.). **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016. p. 241-265.
- ALBERTO, M. F. P. Pensamento crítico, formação de psicólogo e atuação junto à infância e juventude. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 17, p. 421-426, 2012.
- BRASIL. Ministério do Trabalho. Cartilha de atendimento para trabalhadores jovens no SINE. 2017. Disponível em: <https://portalfat.mte.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/CARTILHA_ATENDIMENTO_TRABALHADORES_JOVENS_SINE.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- CARDOSO, A. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 26, n. 68, p. 293-314, mai./ago. 2013.
- CARDOZO, C. E. Juventudes, trabalho e educação no Brasil: dilemas e desafios. **Rev. Educ.**, n. 163, p. 73-86, out./dez. 2020.
- CIAVATTA, M. A cultura do trabalho e a educação plena negada. **Revista Labor**, v. 1, n. 5, p. 170-189, mar. 2017.
- CODEFAT. Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador. **Resolução nº 758, de 9 de março de 2016**. Estabelece regras para execução das ações integradas do Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda, no âmbito do Sistema Nacional de Emprego – SINE. Codefat, 2016. Disponível em: <<https://portalfat.mte.gov.br/wp-content/uploads/2018/10/Res758.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2024.
- COMIN, A. A. **Entre a escola e o trabalho: a vida nada fácil dos jovens brasileiros, em 6 pontos**. Nexo Políticas Públicas. 2023. Disponível em: <<https://pp.nexojournal.com.br/perguntas-que-a-ciencia-ja-respondeu/2023/Entre-a-escola-e-o-trabalho-a-vida-nada-f%C3%A1cil-dos-jovens-brasileiros-em-6-pontos>>. Acesso em: 16 set. 2024.
- CONJUVE. Conselho Nacional de Juventude. **Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas**. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude, Fundação Friedrich Ebert, 2006.
- CORROCHANO, M. C.; ABRAMO, L. W. Juventude, educação e trabalho decente: a construção de uma agenda. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 22, n. 47, p. 110-129, jan./abr. 2016.
- CORSEUIL, C. H. L.; FRANCA, M. P.; POLOPONSKY, K. A inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho num contexto de recessão. **Novos Estud.**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 501-520, set. 2020.
- FAT. Fundo de Amparo ao Trabalhador. **Sistema Nacional de Emprego – SINE**. Disponível em: <<https://portalfat.mte.gov.br/programas-e-acoas-2/sistema-nacional-de-emprego-sine/>>. Acesso em: 12 mai. 2023.
- GOUVEIA, F. P. S. Faces da precarização do mundo do trabalho e a juventude sobrando. **Estudos IAT**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 124-137, mar. 2019.
- GUIMARÃES, N. A.; BRITO, M. M. A.; COMIN, A. A. Trajetórias e transições entre jovens brasileiros: pode a expansão aludir a desigualdades? **Novos Estud.**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 475-498, set. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: primeiro trimestre de 2022. Disponível em: <https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Fasciculos_Indicadores_IBGE/2022/pnadc_202201_trimestre_caderno.pdf>. 2022. Acesso em: 16 set. 2024.

_____. **Um em cada cinco brasileiros com 15 a 29 anos não estudava e nem estava ocupado em 2022**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38542-um-em-cada-cinco-brasileiros-com-15-a-29-anos-nao-estudava-e-nem-estava-ocupado-em-2022>>. 2022. Acesso em: 16 set. 2024.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. MS, 2012. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/reso466_12_12_2012.html>. Acesso em: 16 set. 2024.

NONATO, S. P.; DAYRELL, J. T. Juventude, trabalho e escola: reflexões sobre a condição juvenil. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 101-118, jan./abr. 2018.

NUNES, M. B. A.; FERNANDEZ, C. B. Estado, sociedade e políticas de trabalho e emprego voltadas para os jovens no Brasil. **R. Katál.**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 64-72, jan./jun. 2016.

OIT. Organização Internacional do Trabalho. **Emprego juvenil no Brasil**. s.d. Disponível em: <https://www.ilo.org/brasilia/temas/emprego/WCMS_618420/lang--pt/index.htm>. Acesso em: 12 mai. 2023.

PAULINO, D. S. **A vivência do desalento entre jovens graduados**: uma aproximação histórico-cultural. 2021. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

REIS, M. C. Uma análise das características do primeiro emprego nas regiões metropolitanas brasileiras. In: CORSEUIL, C. H. L.; BOTELHO, R. U. (Org.). **Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 2014. p. 141-156.

RIBEIRO, E.; MACEDO, S. Notas sobre políticas públicas de juventude no Brasil: conquistas e desafios. **Rev. Cien. Soc.**, Montevideo, v. 31, n. 42, p. 107-126, 2018.

RIOS, C. F. M.; ROSSLER, J. H. O trabalho como atividade principal no desenvolvimento psíquico do indivíduo adulto. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 22, n. 4, p. 563-573, out./dez. 2017.

ROCHA et al. Diferentes vulnerabilidades dos jovens que estão sem trabalhar e sem estudar. **Novos Estud.**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 545-562, set. 2020.

SOUZA, C.; PAIVA, I. L. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. **Estud. psicol.**, Natal, v. 17, n. 3, p. 353-360, dez. 2012.

SPOSITO, M. P.; SOUZA, R.; SILVA, F. A. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, 2018.

STENGEL, M.; DAYRELL, J. T. Produção sobre adolescência/juventude na pós-graduação da Psicologia no Brasil. **Desidades**, v. 14, p. 18-29, mar. 2017.

TOMMASI, L.; CORROCHANO, M. C. Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 99, p. 353-371, mai./aug. 2020.

Resumo O objetivo deste artigo é apresentar um estudo que analisou as perspectivas dos profissionais do Sistema Nacional de Emprego (Sines) sobre a relação entre juventude e trabalho e o desemprego juvenil. Foi realizada uma pesquisa empírica de natureza qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas nas sedes dos Sines em João Pessoa, Paraíba, e região metropolitana. Os resultados evidenciaram a condição juvenil para os profissionais, a qual se encontra associada a um mercado de trabalho que muitas vezes exige requisitos que os jovens não atendem. Os entrevistados também manifestaram uma visão romântica sobre a juventude, o que pode interferir na forma como veem os desafios enfrentados pelos jovens na busca por emprego. Para eles, muitos jovens são considerados desqualificados para o trabalho e insuficientemente escolarizados. O estudo aponta para a necessidade de políticas públicas eficazes que possam abordar o desemprego juvenil como um fenômeno complexo e a juventude de forma ampla.

Palavras-chave: juventude, Sine, profissionais, desemprego juvenil.

Juventud y trabajo en la perspectiva de trabajadores del Sistema Nacional de Empleo (SINE)

Resumen El objetivo de este texto es presentar un estudio que analizó las perspectivas de los profesionales del Sistema Nacional de Empleo (SINE) sobre la relación entre juventud y trabajo y el desempleo juvenil. Se realizó una investigación empírica de naturaleza cualitativa a través de entrevistas semiestruturadas en las sedes del SINE en João Pessoa, Paraíba, y la región metropolitana. Los resultados evidenciaron la condición juvenil para los profesionales, que se encuentra asociada a un mercado de trabajo que a menudo exige requisitos que los jóvenes no cumplen. Los entrevistados también manifestaron una visión romántica sobre la juventud, lo que puede interferir en la forma en que ven los desafíos que enfrentan los jóvenes en la búsqueda de empleo. Para ellos, muchos jóvenes son considerados descalificados para el trabajo y tienen una educación insuficiente. El estudio señala la necesidad de políticas públicas eficaces que puedan abordar el desempleo juvenil como un fenómeno complejo y la juventud de manera amplia.

Palabras clave: juventud, desempleo juvenil, Sistema Nacional de Empleo, SINE.

Youth and work from the perspective of workers of the National Employment System (SINE)

Abstract The aim of this article is to present a study that analyzed the perspectives of professionals from the National Employment System (SINE) on the relations between youth and work and youth unemployment. A qualitative empirical research was conducted through semi-structured interviews at SINE headquarters in João Pessoa, Paraíba, and its metropolitan region. The results evidenced the youth condition for the professionals, which is associated with a job market that often demands requirements that young people do not meet. The interviewees also expressed a romantic view of youth, which may interfere with how they see the challenges faced by young people in the job search. For them, many young people are considered unqualified for work and insufficiently educated. The study points to the need for effective public policies that can address youth unemployment as a complex phenomenon and youth also in its complexity.

Keywords: youth, youth unemployment, National Employment System, SINE.

DATA DE RECEBIMENTO: 12/05/2023

DATA DE APROVAÇÃO: 20/11/2023



Wesley Jordan Pereira da Silva

Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgPSI/UFRN), Brasil. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho (Gepet) e do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre a Infância e a Adolescência (Nupedia).

E-mail: wesley.silva.472@ufrn.edu.br



Manuella Castelo Branco Pessoa

Professora adjunta vinculada ao departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil. Membro do Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre a Infância e Adolescência (Nupedia) e do Grupo de Pesquisa Subjetividade e Trabalho (GPST).

E-mail: manucastelobranco2@gmail.com